

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**ZULMA GALEANO DIAS**

**O PIBID EM LETRAS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA: UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO *CONTO* NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**JARDIM- MS  
2012**

**ZULMA GALEANO DIAS**

**O PIBID EM LETRAS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA: UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO *CONTO* NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão, apresentado ao Curso de Letras,  
Habilitação Português/Inglês, pela UEMS-Universidade  
Estadual de Mato Grosso do Sul-Unidade de Jardim,  
como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Susylene Dias de Araujo.

**JARDIM- MS  
2012**

**ZULMA GALEANO DIAS**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**APROVADO EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Susylene Dias de Araujo.  
UEMS

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Josilene Moreira Silveira  
1º Examinadora

---

Prof. Me. Rosicley Andrade Coimbra  
2º Examinador

## FICHA CATALOGRÁFICA

DIAS, Zulma Galeano. “O PIBID em Letras e a mediação de leitura: um relato de experiência com o gênero *conto* no Ensino Fundamental” /Zulma Galeano Dias. 35 p.; 2012.

### Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras  
Habilitação Português-Inglês – Universidade  
Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Leitura literária; 2. Gênero conto; 3. PIBID/Letras/Jardim

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder saúde e sabedoria para conquistar os meus ideais;

Agradeço especialmente a Professora Dr<sup>a</sup> Susylene Dias de Araujo, coordenadora do PIBID Subprojeto Letras – Jardim e minha orientadora, pela qual tenho grande consideração;

À minha família que mesmo distante esteve sempre presente;

Ao meu grande amigo e esposo, Ernando Martins Barbosa, por sempre lutar nas minhas batalhas e alegrar-se nas minhas vitórias.

Aos meus amigos Bruno Galassi Ferreira, Celeido Alves Cardoso e Rosana Machado Monteiro, pessoas determinadas pelas quais tenho grande consideração;

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID/CAPES/UEMS), pela bolsa concedida.

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus pais, Julião Dias e Venância Galeano Ortiz, por terem me ensinado a viver com dignidade e responsabilidade em busca de meus ideais. Ao meu bebê, Ana Júlia Dias Barbosa, que também vai ser leitora.

O importante é motivar a criança para a leitura, para a aventura de ler.

Ziraldo

## RESUMO

DIAS, Zulma Galeano. “O PIBID em Letras e a mediação de leitura: um relato de experiência com o gênero *conto* no Ensino Fundamental”. 2012. 35 p. TCC (Graduação) – Curso de Letras hab. Port. Ingl., Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2012.

Este trabalho de conclusão de curso relata a experiência de leitura de contos desenvolvida a partir do projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”, desenvolvido como parte das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Subprojeto Letras/Jardim, projeto no qual atuamos como bolsista. A leitura ocupa um papel fundamental no cenário escolar, e o desenvolvimento das atividades do PIBID nos leva a colocar em evidência algumas práticas que possam despertar o prazer e o interesse pela leitura, a fim de que o aluno que se torna leitor venha a ser um leitor autônomo. Considerando a literatura como um caminho que leva ao desenvolvimento da imaginação, permeado por emoções e sentimentos de forma prazerosa e também significativa, ressaltamos que é importante para a aprendizagem do aluno ler e ouvir contos, pois é através da leitura que o aluno enfoca a importância de ouvir, contar e recontar histórias. A fundamentação teórica do trabalho está contida na LDB e nos PCNs, bem como em renomados autores como Nádya Batella Gotlib (1988), Isabel Solé (1998), Alice Áurea Penteado Martha (2008), Mary Rangel (1990) Rildo Cosson (2011) e o crítico literário Afrânio Coutinho (2004), entre outros. O desenvolvimento do Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto” proporcionou-nos uma visão mais aberta na questão da leitura e da produção de texto no Ensino Fundamental, no quanto essas práticas, se bem desenvolvidas, podem colaborar para a formação das crianças, como instrumento de prazer, proporcionando interação com o mundo e colaborando com seu desempenho social e cognitivo.

**Palavras- Chave:** 1. Leitura literária 2. Gênero Conto 3. PIBID/Letras/Jardim;



## ABSTRACT

DIAS, Zulma Galeano. "The Pibid in Literature and reading mediation: an experience with the genre tale in Elementary Education". 35 p. TCC (Graduation) – Languages hab. Port. Ingl., Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2012.

This paper reports the completion of course the experience of reading stories developed from the project "Quem conta um conto ganha um ponto", developed as part of the activities of the Scholarship Program Initiation to Teaching (Pibid) Subproject Letters /Jardim, design whom we act as grantee. Reading plays a key role in the school setting, and development of activities Pibid leads us to highlight some practices that can awaken the pleasure and interest in reading, so that the student, who becomes player will be a reader autonomous. Considering the literature as a path that leads to the development of imagination, emotions and feelings permeated by so pleasurable and also significant, we emphasize that it is important for student learning to read and listen to stories, because it is through reading that the student focuses on the importance listening, telling and retelling stories. The theoretical work is contained in the LDB and PCNs, as well as renowned authors like Nadia Batella Gotlib (1988), Isabel Solé (1998), Golden Hairstyle Martha Alice (2008), Mary Rangel (1990) Rildo Cosson (2011) and literary critic Afrânio Coutinho (2004) among others. The development of the project "Quem conta um conto ganha um ponto" has given us a more open view on the issue of reading and text production in Elementary Education, as in these practices, if well developed, can contribute to the formation of children, as an instrument of pleasure, providing interaction with the world and collaborating with social and cognitive performance.

**Key-words:** 1. Literary Reading 2. Genre Story 3. Pibid / Letters / Jardim;

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – ALGUMAS ABORDAGENS SOBRE O GÊNERO CONTO.....	14
1.1 O surgimento do Conto de Fadas.....	15
1.2 A tradição Brasileira do Gênero Conto.....	16
1.3 Os elementos do conto.....	18
CAPÍTULO II – O CONTO NA ESCOLA.....	20
2.1 O professor contista.....	21
2.2 As Olimpíadas de Língua Portuguesa.....	22
CAPÍTULO III – RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVIDA NA ESCOLA ESTADUAL CORONEL PEDRO JOSÉ RUFINO.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
BIBLIOGRAFIA .....	31
ANEXOS.....	32

## ANEXOS

### LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1	Roda de leitura dos alunos na biblioteca da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino de Jardim-MS, 2012.....	32
FIGURA 1.2	Alunos e bolsistas do PIBID/Letras/Jardim na biblioteca da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino, 2012.....	32
FIGURA 1.3	Alunos participantes do Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto” encantados com a leitura, 2012.....	33
FIGURA 1.4	Bolsistas do PIBID/Letras/Jardim e alunos viajando no mundo da leitura, 2012.....	33
FIGURA 1.5	Imagem da capa do livro utilizado no Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”.....	34
FIGURA 1.6	Imagem da capa do livro utilizado no Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”.....	34
FIGURA 1.7	Imagem da capa do livro utilizado no Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”.....	35
FIGURA 1.8	Imagem da capa do livro utilizado no Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”.....	35

## INTRODUÇÃO

Por ocupar importante papel no cenário escolar, resolvemos trabalhar o gênero textual conto e, a partir dele, colocar em evidência algumas práticas que possam despertar o prazer e o interesse pela leitura fazendo do aluno leitor, um leitor autônomo.

Considerando que a abrangência do tema é de grande relevância para o Ensino Fundamental na escola pública, optamos por desenvolver este trabalho a partir de um projeto executado na Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino, localizada na cidade de Jardim-MS, junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), de iniciativa do Governo Federal, no qual participamos como bolsista do Projeto Letras/UEMS/Jardim.

O objetivo estabelecido para este estudo tem como base nossa intenção de trabalhar o gênero textual conto no Ensino Fundamental de forma a estimular a prática de leitura. Compreende-se neste estudo a importância da leitura proficiente do gênero conto para o desenvolvimento cognitivo da criança e sua contribuição para a produção de textos autônomos no decorrer da vida escolar.

Os objetivos delimitados foram:

- Observar o desenvolvimento de atividades de leitura no Ensino Fundamental da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino e verificar como é trabalhada a questão do incentivo à leitura nesta instituição de ensino.

- Verificar como os professores percebem o gênero textual conto na formação dos alunos e analisar como as atividades sobre o gênero conto são capazes de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e social da criança, levando em conta o meio em que ela vive, ou seja, seus valores e sua cultura.

A linguagem como forma de interação foi escolhida para permear este trabalho, uma vez que esta concepção é a mesma que podemos encontrar nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). No ensino de Língua Portuguesa não há mais lugar para o ensino centrado na prescrição de regras, metodologia na qual o aluno só reconhece passivamente as estruturas morfossintáticas.

O que propomos é a leitura focada nos processos de significação resultantes entre o texto e sua condição de produção, devidamente assistidas pelo professor, na

busca incessante de se formar o aluno investigador, com visão crítica, longe de ser simplesmente um alienado que só sabe reproduzir.

A fundamentação teórica do trabalho está contida na LDB e nos PCNs, bem como em renomados autores como Nádia Battella Gotlib (1988), Isabel Solé (1998), Alice Áurea Penteadó Martha (2008), Mary Rangel (1990) Rildo Cosson (2011) e o crítico literário Afrânio Coutinho (2004) entre outros.

O presente trabalho divide-se em três capítulos, nos quais buscamos fazer um estudo sobre o gênero conto relacionando-o com ensino de Língua Portuguesa, com enfoque no incentivo à leitura e análise do relato da vivência em sala de aula.

O primeiro capítulo trata da abordagem sobre o gênero conto, fazendo um breve apanhado histórico sobre sua origem, com enfoque nos contos infantis (contos de fadas), na tradição brasileira e, em seguida apresenta os elementos do gênero conto.

O segundo capítulo traz o gênero conto na escola e o papel do professor de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental como facilitador do processo de leitura, ou seja, o professor contista.

O capítulo seguinte relata a experiência enriquecedora de trabalhar conto na Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UEMS).

Em nossas considerações o ensino da Língua Portuguesa e o professor dessa disciplina circundam a questão do conhecimento da linguagem. Nessa perspectiva, este trabalho relata uma concepção de ensino de Língua Portuguesa desafiadora e, principalmente, crítica de promoção à cidadania.

## CAPÍTULO I

### ALGUMAS ABORDAGENS SOBRE O GÊNERO CONTO

De acordo com alguns estudiosos da teoria do conto, muitas páginas foram escritas para relatar a história desse gênero. A estória do conto é muito antiga, pois há muito tempo as pessoas se reúnem para transmitir notícias, falar das novidades e contar casos e há algum tempo, as pessoas se sentavam em volta de um fogão à lenha, ou simplesmente em volta de uma mesa para contar histórias. Diante disso, Gotlib (1988), destaca que:

Embora o início do contar estória seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem estórias. (GOTLIB, 1988, p. 8).

O conto foi um meio pelo qual os povos antigos expressaram seus medos, sentimentos, emoções, contados através de estórias inesquecíveis. Desde os primórdios, as inscrições nas cavernas, por exemplo, narraram o dia a dia do homem pré-histórico; passando pela na Idade Antiga (Egito), cultura grego-romana, até chegar na Idade Média, na Europa, mais precisamente na França, onde nasce o conto de fadas, no início do século XVII.

No século XIV o conto se afirma como uma categoria estética, Gotlib (1988) assinala:

Este é o momento de criação do conto moderno quando, ao lado de um Grimm que registra contos e inicia o seu estudo comparado, um Edgar Allan Poe se afirma enquanto contista e teórico do conto. Portanto, enquanto a força do contar estórias se faz, permanecendo, necessária e vigorosa, através dos séculos, paralelamente uma outra história se monta: a que tenta explicitar a história destas estórias, problematizando a questão deste modo de narrar – um modo de narrar caracterizado, em princípio, pela própria natureza desta narrativa: a de simplesmente contar estórias. (GOTLIB, 1988, p.7-8).

No século XIX, na Europa os Irmãos Grimm recontam as histórias de Perrault e, no Brasil, o conto começa a aparecer em jornais, impulsionado com a imprensa escrita. A inserção de contos nos jornais modificou a realidade do conto, os escritores

tiveram que reduzir os textos, sintetizar a história para que fosse possível publicá-la no espaço destinado. Machado de Assis marca o advento do conto literário brasileiro.

Com Monteiro Lobato marcou o início da literatura infantil no Brasil, antes apenas adaptação de obras portuguesas de cunho pedagógico. Este autor lançou mão do ficcional para veicular em seus personagens a nacionalidade, o folclore e o falar típicos dos brasileiros. A exemplo de personagens eternizadas nos contos de fadas pelo mundo inteiro, como Chapeuzinho Vermelho, Lobato deu-nos Emília, a boneca questionadora (o perfil de personalidade desejado para a criança brasileira).

### 1.1 O Surgimento do Conto de Fadas

Perrault foi o primeiro a coletar e organizar as narrativas populares de sua época: “Charles Perrault coletava contos e lendas da Idade Média e adaptava-os, constituindo os chamados contos de fadas” (CADEMARTORI, 1994, p. 33). Diferentemente do que leva a crer, os contos de fadas não eram escritos para o público infantil, tinham o papel de veicular a ideologia cristã, e eram destinados aos adultos, conforme ressalta Coelho (1997, p. 35): “Portanto, antes de ter sido voltado para as crianças, o conto de fada foi originalmente criado tendo-se em mente os leitores adultos.”

Sabe-se que na Idade Média a criança não era socialmente distinguida dos adultos. Ela trabalhava e vestia-se como eles, frequentava os mesmos lugares, e compartilhava essas narrativas populares que alimentavam o universo onírico próprio da infância.

Atualmente a Literatura Infantil também tem seu papel na escola, espaço privilegiado para formação do indivíduo, que é o de contribuir para a formação do leitor espontâneo, aquele que tem o hábito da leitura, que a percebe como liberdade, espaço de fruição do imaginário e não como imposição, tarefa. Para os que perguntam o porquê da ênfase dos contos de fadas neste trabalho de conclusão de curso, bem como na escola contemporânea, Abramovich responde:

Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passa num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar. (ABRAMOVICH, 1997, p. 120).

Lembramos também que os contos de fadas atravessaram os séculos e, até os dias atuais, são responsáveis pelo primeiro contato da criança com o texto, seja pela oralidade (a voz da mãe) ou pelos meios de comunicação (desenhos animados, filmes e livros infantis).

## 1.2 A Tradição Brasileira do Gênero Conto

O conto, como hoje vemos, é uma forma literária reconhecida e utilizada por muitos escritores de renome. No entanto, a sua origem é muito mais humilde. No Brasil, a tradição oral traz em seu bojo os contos populares influenciados pelas culturas indígena, africana e européia. É por meio deles que se expressam costumes, ideias, que revelam o imaginário de nosso povo.

No que concerne à escrita, o marco do conto no Brasil é discutível e foi dado em 1841, por Edgard Carneiro, com a obra “Duas Órfãs”. As características do gênero tiveram uma delimitação devido à influência do romance na mesma época. Conforme referendado no capítulo anterior, as origens do conto estão intimamente envolvidas com o advento da imprensa escrita em meados do século XIX, uma possível razão para terem ganhado o gosto do leitor; lembrando que o Romance gozava de grande prestígio na Europa, um modelo copiado pelos escritores brasileiros.

O conto, tal como o concebemos, na atualidade começa com Machado de Assis, com a publicação de “Três tesouros perdidos”, também em jornal. Muitos autores veem na obra de Machado os elementos indiscutíveis desta consolidação no Brasil, conforme afirmação de Coutinho (2004, p. 49): “É ele, portanto, inegavelmente o fixador das principais diretrizes do conto brasileiro, a vigorarem durante meio século (...)”. Machado de Assis é o maior escritor em prosa da literatura brasileira, porque se preocupou em ter um caminho próprio que o singularizou, mesmo tido como pertencente ao movimento Realista sua obra está muito além dessas características.

Destacam-se em suas narrativas: a perfeição formal, o enredo não linear (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*), humor sutil, ironia permanente, a riqueza da linguagem trabalhada e a análise psicológica das personagens permitindo a interferência do leitor, como em *Dom Casmurro*, a respeito do enigmático olhar da



personagem Capitu, descrito no capítulo “Olhos de Ressaca”: “(...) A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas, poucas e caladas lágrima...” (MACHADO, 2000, p. 160-161), transferindo para o leitor o julgamento do adultério da personagem, lembrando que a infidelidade feminina é tema recorrente em suas obras e que os fatos por ele narrados são meros referenciais para analisar o indivíduo e a sociedade.

Nos Capítulos 32 e 33 da mesma obra, Machado revela sobre a tentadora metáfora dos “Olhos de Ressaca” da personagem Capitu toda sua sensualidade: “Trazia não sei que fluido misterioso e energético, uma força que traga para dentro, como a vaga que se retira da praia” (MACHADO, 2000, p. 55) e o inefável poder de sedução que ela exerce sobre os homens, descrita na cena em que ela é penteada por Bentinho: “Vamos ver o grande cabeleireiro”, disse-me rindo. Continuei a alisar os cabelos [...] mas devagar, devagarinho, saboreando pelo tato aqueles fios grossos que eram parte dela [...] a sensação era um deleite. (MACHADO, 2000, p. 56).

É desafiador falar da genialidade de Machado em tão poucas linhas, contudo, é indispensável recorrer a sua obra quando se discute, se trabalha com a literatura brasileira, pois sabemos que o que se pensa na atualidade a respeito do conto, está baseado nas noções de Machado, que mesmo não tendo criado uma teoria do conto brasileiro, a produção brasileira que se seguiu e ainda segue são moldadas por suas criações, como aponta Coutinho:

Esse elemento, de tanta importância indireta, como se vê, na evolução do conto brasileiro, pela fixação primordial de alguns dos seus fatores, preponderantes, em especial quanto à forma, apresentação das personagens, exposição de episódios, preparação do clímax [...] (COUTINHO, 2004, p. 42).

A literatura é uma manifestação artística que permite identificar as marcas dos momentos em que o texto foi escrito e as mudanças de comportamento do homem e da sociedade ao longo dos séculos. Conhecer a literatura brasileira é mergulhar nas bases de nossos primeiros movimentos literários, é ter contato com as bases da sociedade daquela época. Isto nos permite aprender e refletir de forma a modificar positivamente a sociedade em que estamos inseridos e proporcionar este contato aos alunos. É uma forma de despertar seus interesses pela leitura, pela arte de narrar, de trabalhar com as palavras por meio da investigação e da experimentação.

### 1.3 Os elementos do conto

O texto que conta uma história é chamado de narrativa. São elementos da narrativa: foco narrativo, narrador, personagens, tempo e espaço. O enredo é a história propriamente dita, que no gênero conto está centrada em um único ponto que norteia o leitor. O enredo é o fio condutor da estória narrada, por ele passam os acontecimentos, esses fatos apresentados acontecem em um determinado tempo e espaço (lugar). Sobre o conto Gotlib (1988) elucida:

De fato, toda narrativa apresenta: 1. uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a narrar; 2. De interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada. 3. E tudo na unidade de uma mesma ação. (GOTLIB, 1988, p.12-13).

O foco narrativo é a estratégia do autor para o desenvolvimento de seu conto. Assim, ele tem a opção de relatar como um observador externo, onisciente, narrador-personagem, e de seu ponto de vista, contar a estória ou ainda, contar esta mesma estória através dos olhos de um personagem secundário.

A voz que fala no conto, que conta a estória é o narrador, o qual tem sua existência vinculada ao texto e não pode ser confundido com o autor. Há várias teorias a respeito do narrador. A mais difundida é a Teoria de Norman Friedman, de 1955, que trata das questões que norteiam o posicionamento do narrador, questões essas enumeradas por Leite (2002), em sua obra *O Foco Narrativo*:

1) quem conta a HISTÓRIA Trata-se de um NARRADOR em primeira ou em terceira pessoa? de uma personagem em primeira pessoa? não há ninguém narrando?; 2) de que POSIÇÃO ou ÂNGULO em relação à HISTÓRIA o NARRADOR conta? (por cima? na periferia? no centro? de frente? mudando?); 3) que canais de informação o NARRADOR usa para comunicar a HISTÓRIA ao leitor (palavras? pensamentos? percepções? sentimentos? Do autor? da personagem? ações? falas do autor? da personagem? ou uma combinação disso tudo?); 4) a que distância ele coloca o autor da história? (próximo, distante, mudando?) (LEITE, 2002, p.26).

Tendo abordado sobre o narrador, de igual importância é a presença do personagem no texto, embora seja uma criação, ela deve parecer-nos uma pessoa

real, deve ter características das pessoas com as quais convivemos, que conhecemos, porque é isto que justifica suas atitudes na estória/texto. As personagens podem ser pessoas, animais ou máquinas e elementos da natureza que adquirem vida. Geralmente o conto tem um personagem principal e alguns coadjuvantes, eles se apresentam no texto logo que o autor insere uma fala.

Eis alguns tipos de diálogos podem ser identificados no conto:

**Diálogo Direto:** as personagens conversam entre si. No texto este tipo de diálogo é identificado pelo uso de travessões por se tratar da fala direta dos personagens (Cereja, Magalhães, 2002). Os pensamentos das personagens também pertencem a este tipo de diálogo.

**Diálogo Indireto:** Quando o escritor descreve a fala sem destacá-la através do travessão, contando-as indiretamente com as palavras do narrador (Cereja, Magalhães, 2002). **Diálogo Indireto Livre:** é uma combinação dos dois diálogos anteriores, comumente utilizado quando o foco narrativo está na primeira pessoa, ou seja, o narrador é personagem da estória, e surgem diálogos indiretos de personagens completando a fala do narrador (Cereja, Magalhães, 2002).

Vimos neste capítulo que o conto é um gênero textual narrativo ficcional, que pode chegar ao público pela oralidade ou pela escrita. Esse gênero textual tem um número reduzido de personagens e conta apenas uma história, que se passa em um curto espaço de tempo e em poucos lugares. Alguns contos narram histórias que, mesmo não sendo verdadeiras, poderiam muito bem ter acontecido na vida real. Outros se inspiram em histórias verdadeiras para criar situações absurdas, totalmente imaginárias, que nunca poderiam acontecer na realidade, daí o encantamento que os contos provocam nos leitores. Além disso, o gênero conto tem como característica a brevidade, o que facilita uma leitura rápida, dessa maneira, a rapidez pode ser uma aliada para despertar o gosto pela leitura.

## CAPÍTULO II

### O CONTO NA ESCOLA

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n.º 9.394 de 20/12/1996) identifica os fundamentos básicos que confirmam a função e o papel da educação no processo social, já em seu primeiro artigo:

**Art. 1º.** A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º. Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Está enfatizada, então, a democratização da escola, que deixou de estar centrada em si mesma, como organismo fechado. A escola é agora um mecanismo, parte de uma grande engrenagem: educação, família e sociedade.

A referida Lei em seu Artigo 29 versa ainda sobre a educação infantil: “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), são objetivos para o ensino fundamental de 8 anos, em de Língua Portuguesa no que concerne à leitura e produção textual:

[...] Compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem o produz; valorizar a leitura como fonte de informação via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos; utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; [...]  
(BRASIL, 1998, p. 33).

Cumprir tais objetivos é um dos maiores desafios para o professor de Língua Portuguesa no âmbito do Ensino Público no Brasil, considerando que sua atuação será determinante na formação de crianças leitoras.

## 2.1 O professor contista

Em sua prática diária, o interesse e envolvimento do professor com a leitura servem de exemplos para seus alunos. O professor deve criar situações propícias à leitura, nas quais seus alunos encontrem sentido, porque quando a criança não se interessa pela leitura, é o professor que deve criar situações capazes de envolvê-las. Vale lembrar que não há fórmula para se estimular a leitura. Nos PCNs são elencadas várias razões para a leitura realizada pelo professor, entre elas destaca-se a “vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação” (BRASIL, 1998, p.42). Entre as múltiplas possibilidades que a leitura favorece, está a de instigar o aluno a lançar mão da escrita como forma de expressar suas emoções e sua realidade.

É da vivência em sala de aula que se formará o futuro leitor. Segundo Soares (1993), o professor em sala de aula deve:

[...] Escolher textos à altura do repertório dos alunos para que o diálogo com a leitura seja produtivo, mas também outros de leitura complexa, que mediados pelos professor permitem tornar o diálogo possível. Ativar o conhecimento prévio dos alunos, ensinando a fazer perguntas sobre o texto, para aumentar as inferências necessárias para atingir seu objetivo. (SOARES, 1993, p.49)

A linguagem como forma de interação vem ao encontro desta proposta de ensino da Língua Portuguesa, porque permite que o aluno estabeleça um diálogo com a leitura; assim definida por Solé (1998, p. 22): “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, neste processo tenta-se satisfazer (obter uma informação pertinente para) os objetivos que guiam sua leitura.” Assim, quando o aluno é instigado pelo professor a recorrer ao seu conhecimento de mundo, abre-se o espaço de reflexão para recriar sua realidade, sua vivência, no campo fértil da narrativa, por meio de uma história contada por um narrador e vivida por seus personagens.

A esse respeito, Abramovich (1997, p.17) diz que: “é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica.”. O imaginário infantil precisa ser estimulado pelo professor, mas para que isto aconteça é necessário que o professor crie diversificadas situações de leitura (roda de leitura, leitura silenciosa/oral).

Cabe ao professor assumir a função de mediador da escola aberta para o diálogo com os seguimentos da sociedade (família, religião), com estratégias capazes de fornecer condições para que o aluno-leitor estabeleça uma interlocução com autor o texto, tais como a leitura de vários tipos de texto, como o jornalístico, fazendo ponderações sobre notícias veiculadas na mídia.

A leitura de contos realizada com o aluno em sala de aula é colocada como o ponto culminante e, para facilitar a produção de textos do aluno, o professor deve dar-lhe as condições ideais para tornar-se um escritor competente, um produtor de significados, por isso é preciso que o professor explore ao máximo o conhecimento de mundo dos alunos, apontando-lhes diferentes olhares sobre um mesmo assunto, para que possam desenvolver o tema proposto para a produção de textos. Neste sentido, valioso é o ponto de vista de Solé (1998, p. 24): “Assim, quanto mais informação possuir um leitor sobre o texto que vai ler, menos precisará se fixar nele para construir uma interpretação.”

Com incentivo do MEC as escolas estaduais têm recebido algumas coleções de obras literárias, podemos citar os livros “Literatura em minha casa”, facilitando o contato com textos literários, mais precisamente com os contos infantis que exercem fascínio na mente das crianças. É um recurso que favorece a experiência de leitura por parte do docente de Língua Portuguesa, pois permite o diálogo do aluno com o texto, proporcionando de forma paulatina a consequente emancipação da personalidade desses alunos, além de ajudar-lhes a conhecer melhor seus sentimentos e impulsos na medida em que se desenvolvem como pessoas.

Foi por meio do trabalho com os livros desta coleção que realizamos o Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”, vivenciando o cotidiano dos docentes de Língua Portuguesa, o qual relataremos no capítulo 3. No próximo item, falaremos da relevância do projeto realizado na Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino para a realização das Olimpíadas de Língua Portuguesa.

## **2.2 As Olimpíadas de Língua Portuguesa**

Instituída no ano de 2002, A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro é de um programa de abrangência nacional que vem ao encontro do propósito de se consolidar o ensino e o incentivo da leitura nas escolas públicas do Brasil, não só para os alunos, mas também para os docentes de Língua Portuguesa. Sua história

passou por diversas fases, assumindo caráter nacional com incentivo do MEC em 2008:

A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro fundamentou-se na experiência do Programa Escrevendo o Futuro, desenvolvido pela Fundação Itaú Social e pelo Cenpec. Criado em 2002, o programa constituía uma estratégia de mobilização dos professores por meio de um concurso de produção de textos (...). Em 2007, foi firmada parceria com o Ministério da Educação, o que possibilitou ampliar a abrangência das ações e a quantidade de anos escolares atendidos por essa iniciativa que passou a ser denominada Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, tendo sido incluída como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação.

Realizadas em anos pares, nesta 3ª Edição Nacional (2012), participam alunos matriculados do 5º ao 9º anos do Ensino Fundamental, e do Ensino Médio, além das classes de aceleração equivalentes; o tema proposto foi “O lugar onde vivo”, com tipologias textuais que obedecem ao currículo de ensino: Poema para o 5º e 6º anos, Memórias Literárias para o 7º e 8º anos, a Crônica e o Artigo de Opinião ficaram a cargo do 9º e 1º ano do Ensino Médio e 2º e 3º anos do Ensino Médio, respectivamente. As inscrições foram encerradas em maio do corrente ano e contaram com cerca de 7 milhões de alunos para 60 mil escolas públicas brasileiras.

O resultado será divulgado em dezembro de 2012. O concurso passa por diversas fases de julgamento: municipal e estadual, em seguidos textos finalistas chegam aos encontros regionais até a grande final nacional. Ressalta-se o caráter democrático do concurso, visto que só podem participar as escolas públicas cuja Secretaria Municipal de Educação faça a adesão. Percebe-se então que a leitura espontânea enfatizada na proposta nos PCNs é de suma importância na realização deste programa, pois parte da iniciativa, do comprometimento dos envolvidos no processo da Educação, na área de Língua Portuguesa, jogando por terra os velhos moldes de imposição e reprodução em sala de aula.

A Escola Estadual Coronel Rufino sabiamente aderiu à Olimpíada de Língua Portuguesa. Durante o estágio percebemos a alegria e o estímulo dos alunos do Ensino Fundamental no desenvolvimento do projeto, que tem como pano de fundo a premiação e o enfoque dado pela mídia aos textos vencedores. Destacamos que é gratificante trabalhar em um ambiente motivado e propício à imaginação como o que a Olimpíada proporciona no âmbito escolar, tanto para os alunos quanto para os docentes, pois pudemos acompanhar a produção de textos autônomos, simples e

encantadores, escritos com a linguagem em que se respeita o processo de evolução da leitura e da cognição dos alunos.

Vale lembrar a relevância do projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”, uma vez que trabalhamos o incentivo a leitura. Os alunos que participam deste projeto têm no seu cotidiano a prática da leitura e, com certeza terá grandes chances de desenvolver um texto mais proficiente (adequado) futuramente.



### **CAPÍTULO III**

#### **RELATO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA ESCOLA ESTADUAL CORONEL PEDRO JOSÉ RUFINO**

Neste capítulo passaremos ao relato da experiência vivida na Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino, parte do Projeto autorizado pela direção e coordenação pedagógica da escola, que gentilmente acolheram o projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”, e vinculado às atividades do Subprojeto PIBID Letras/ Jardim.

Nossa primeira iniciativa no projeto foi selecionar os contos, e a grande maioria dos escolhidos foram retirados da coleção “Literatura em minha casa”, destacando-se “O Primeiro Beijo”, de Clarice Lispector”, “O menino e o burrinho”, de Luís da Câmara Cascudo, “A descoberta”, de Luis Fernando Veríssimo, “Medo”, de Cora Carolina, “Zeppelin em Santa Tereza”, de Manuel Bandeira entre outros. O estudo prévio sobre a origem do conto pelas bolsistas foi amparado pela obra “Teoria do Conto”, de Nadia Battella Gotlib (1988) seguido de observações na escola nas aulas de Língua Portuguesa, e com as experiências relatadas pelos docentes envolvidos.

Nosso trabalho foi permeado pela visão da linguagem como forma de interação por permitir a identificação com os textos lidos, a interpretação da realidade e a formação da criança como um ser social, participativo.

O projeto foi desenvolvido às quartas-feiras, e a primeira aula ministrada pelos bolsistas, na sala do 6º Ano do ensino fundamental, foi concentrada em uma abordagem sobre a origem do gênero textual conto, sua estrutura e categorias através de uma aula expositiva. Percebemos o interesse dos alunos, motivado pelos materiais didáticos utilizados (data show, livros, textos fotocopiados) para a aula expositiva. Este primeiro contato contribuiu de forma positiva para a realização do projeto e despertou a curiosidade dos alunos em relação aos contos infantis.

Nas aulas seguintes encontramos alunos interessados em participar e com vontade de manusear os livros, pois a leitura aguçou a curiosidade e o sentimento de que todos podem contar uma história oralmente e dessa maneira conhecer os contos. Neste sentido a estratégia de leitura que utilizamos em nosso projeto foi amparada por Solé (1998, p. 23): “a leitura é o processo mediante o qual se compreende a

linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimento prévio [...]”.

Passaremos então ao relato das atividades realizadas em cinco semanas das oficinas. Estas atividades foram baseadas nos livros *Dinâmicas de leitura para a sala de aula*, de Mary Rangel (1990) e *Letramento Literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson (2011).

O primeiro conto lido no Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto” foi “O Primeiro Beijo” de Clarice Lispector. Nesta leitura utilizamos a dinâmica de número três proposta por Rangel (1990), que se chama “O que você diz?”. Seleccionamos a dinâmica para estimular a criatividade do aluno, visto que os alunos comentaram a experiência, observando contribuições à aprendizagem e revelando impressões pessoais. Para Rangel (1990, p.11) “a leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, da perseverança, da dedicação em aprender”. Dessa maneira, no próximo encontro seleccionamos o conto “O menino e o burrinho”, de Luís da Câmara Cascudo. Os alunos ficaram interessados no conto lido, pois retrata para nós uma imensa riqueza de histórias tradicionais. Neste encontro, empregamos a dinâmica de número um de Rangel (1990), que é intitulado “Não repita a informação”. O bolsista solicita que cada aluno do projeto fale uma informação do conto lido, sendo que as informações não podem se repetir, assim, cada participante deverá falar uma nova informação.

Para Cosson (2011, p. 17), “na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos”. Analisando as palavras de Cosson (2011) fizemos a leitura do conto “A descoberta” de Luis Fernando Veríssimo. O conto “A descoberta” retrata exatamente a realidade da maioria dos alunos. Os participantes do Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto” viram-se como o personagem do conto lido, pois são crianças hiperativas que estão sempre buscando algo para fazer. Alguns dos nossos alunos nos relataram que estão fazendo empréstimos de livros da biblioteca da escola para realizar a leitura. Sendo que neste dia, utilizamos a dinâmica de número quatorze “Explique o que foi lido” de Mary Rangel, com o intuito de perceber nos alunos o que entenderam após a realização da leitura.

Na semana seguinte, realizamos a leitura do conto “Medo” de Cora Carolina. Inicialmente fizemos a inferência de leitura, questionando os nossos alunos o que sabiam sobre o medo e quais eram os medos que guardavam consigo. Na ocasião,

percebíamos que eles estavam ansiosos para ler o conto. O sentimento que tomava conta dos alunos era um misto de curiosidade e encantamento, o que pode ser comprovado com o relato de um dos alunos aqui reproduzido por seu comentário: “Quando fomos convidados a participar, achamos que seria bem chato, porque já fazia leitura na sala de aula. Mas depois, começamos a gostar muito mesmo”. (M. C. – 12 anos).

Confirma-se assim que certas temáticas têm muita aceitação, porque os alunos se identificam com o texto, o que torna a atividade de leitura prazerosa porque estimula a investigação. Desta forma, ao final de cada leitura, retomamos os trechos que julgamos mais importante para leitura em voz alta, comentando, fazendo perguntas aos alunos e respondendo às suas indagações. Assim vivenciamos o incentivo a prática de leitura e o quanto ele propicia um enriquecimento tanto para alunos quanto para professores, porque neste momento partilham-se os saberes.

Com o conto de Manuel Bandeira “Zeppelin em Santa Tereza”, não obtivemos o resultado esperado, pois os alunos acharam a leitura difícil, mas não podemos deixar de mencionar que este dia foi atípico. Percebemos, então, que cabe ao professor, por meio de ações planejadas, escolher os textos de acordo com a realidade de seus alunos, muito embora o referido conto estivesse compatível com a faixa etária do 6º ano, a situação em que foi escrito, não condizia com a realidade dos nossos alunos. Some-se a isso o fato de a biblioteca da escola, destinada aos bolsistas do PIBID de Letras, estava lotada com alunos do ensino médio. Acreditamos que isto contribuiu para a total desconcentração dos alunos, uma vez que para a realização de uma boa leitura precisamos de um ambiente calmo.

Diante disso, refletimos que cabe ao professor não só o trabalho com ações planejadas, materiais didáticos e dinâmicas; há que lançar mão de sua sensibilidade da indicação etária da capa do livro, bem como estar preparado para os fatores externos acima relatados.

Percebemos que a realização das oficinas, os alunos já estavam motivados inclusive para a leitura individual. Criou-se uma atmosfera de surpresa, na qual os alunos esperavam ansiosos pelo novo texto para leitura, ávidos por desenvolver uma nova atividade. Por exemplo, em um dos nossos encontros selecionamos vários livros de conto, obedecendo ao foco da nossa proposta e colocamos estes livros à disposição, em cima da mesa da biblioteca. Em seguida, pedimos para cada um escolher um dos livros apresentados e nele o conto que queria ler. Após a realização

da leitura, cada aluno foi convidado a compartilhar a leitura realizada com toda a turma.

Outro ponto interessante que nos cabe ressaltar, é que no 6º ano os alunos fizeram uma recontagem de histórias e, a partir de trechos selecionados, um novo final das histórias. O resultado foi surpreendente, com narrativas que contextualizaram a realidade social dos alunos, com temas sobre a preservação do meio ambiente e situações do cotidiano familiar. Percebemos que as leituras literárias e as histórias recontadas em diferentes versões, potencializam novas expressões entre os alunos. Que a produção de texto deve ser respeitada, valorizar a criatividade dos alunos, embora este não fosse o foco das oficinas, favorecendo o repertório de experiências culturais e sociais.

Com as oficinas percebemos também que não há como considerar o mesmo ponto de partida para a leitura de todos os alunos de uma classe. Tal atitude é equivocada, pois a homogeneidade instalada impede que aluno tenha seu ritmo próprio em sua formação como leitor, que não acontece de um dia para o outro. Aí então, entra a mediação do professor que, embasado em um método ou em uma estratégia específica, conduzirá o aluno ao longo do ensino fundamental no desenvolvimento pelo gosto e apreço pela leitura.

Durante a realização de nosso projeto, os alunos desejavam expressar seus sentimentos. Alguns chegaram a falar sobre sua vida pessoal quando se depararam com a atitude do personagem fulano, do conto tal, (ex. que mentiu para conseguir tal coisa, foi descoberto e depois se arrependeu). A leitura permitiu que os alunos comentassem situações semelhantes vivenciadas por si mesmos e por pessoas próximas (humanização).

Vale lembrar que ao conversar com uma das mais experientes professoras da escola, ela nos revelou sua forma de trabalhar a produção de textos, embasando-se sempre na leitura. Dependendo da faixa etária, começando o trabalho com as fábulas, abordando a oralidade e descobrindo com os alunos os aspectos implícitos no enredo; propondo a releitura dessas versões, vinculando-os aos temas da contemporaneidade (preconceito, perigos da internet, uso de drogas). A professora reconhece que a leitura contribui para o cotidiano dos leitores, antecipando vivências e propondo atitudes de dignidade, de alerta aos perigos e principalmente, fazendo-os refletir sobre cada situação que pode lhes colocar em risco.

Na visão de outro professor de Língua Portuguesa da Escola Estadual Coronel

Pedro José Rufino, a leitura deve ser incentivada em todas as disciplinas do currículo, é por meio dela que se interpreta, se entende e deixa de apenas reproduzir. Percebemos com estes relatos o quanto a leitura e a produção de textos podem favorecer o desenvolvimento cognitivo do aluno, além de auxiliá-lo a elaborar seus problemas, seus questionamentos, suas ansiedades, seus medos e seus sonhos.

Vivenciamos, enquanto bolsistas e futuros docentes que: “No momento do encontro entre o aluno e professor intermediado pelo texto literário, as expectativas de ambos também se encontram.” (MARTHA, 2008 p, 37). Quando é aberto o espaço para o aluno criar um texto, o docente deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e técnicas e assume o papel de orientador de facilitador da aprendizagem. É isto que contribui para a formação do leitor autônomo, capaz de compreender e interpretar sua sociedade e de identificar seu papel perante ela.

Experiências como estas enriqueceram nosso modo de lecionar, pois vimos a necessidade que há de o professor dar voz, espaço para seus alunos expressarem seus sentimentos e suas vivências. O mais importante é que ao ouvir todos os atores envolvidos no processo, refletir conjuntamente e propor novos caminhos, todos estão crescendo durante este processo. Ao compartilhar experiências e saberes, cientes que o conhecimento só pode existir como construções coletivas da humanidade, estão dando um importante passo em direção ao futuro: o passo de quem não tem medo de errar e compartilhar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso teve como alvo relatar a experiência vivida na Escola Estadual Pedro José Rufino através do Projeto “Quem conta um ponto ganha um ponto”, que como participante os alunos do Ensino Fundamental (regime de 8 anos), com as estratégias de leitura sugeridas pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa, cujo objeto foi centrado no incentivo a leitura.

O desenvolvimento do Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”, proporcionou-nos uma visão mais aberta na questão da leitura e da produção de texto no Ensino Fundamental, no quanto essas práticas, se bem desenvolvidas, podem colaborar para a formação das crianças, como instrumento de prazer, com o qual podemos interagir e criar condições satisfatórias para um bom desempenho social e cognitivo.

Ao considerarmos que vivemos em contextos culturais e históricos em permanente transformação, podemos concluir que as crianças participam igualmente desta transformação e, neste processo, acabam também transformadas pelas experiências que vivem neste mundo extremamente dinâmico. Portanto, compartilhamos com o contido nos Referenciais Curriculares Nacionais, com a teoria da linguagem como forma de interação para afirmar que a produção de textos não pode acontecer desvinculada da leitura, pois é principalmente, por intermédio dela que o aluno vai adquirir experiência para sua produção escrita, na busca da formação do leitor autônomo.

Assim, espera-se que este trabalho sirva aos docentes de Língua Portuguesa e a todas as demais pessoas que dele se utilizarem, para que percebam a leitura e a produção de texto como um processo prazeroso, construído pela criança por meio de seus conhecimentos cognitivo e empírico, abrindo caminhos para que elas possam reconhecer-se como sujeitos e autores de sua própria história.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CEREJA, William R., MAGALHAES, Thereza C. **Português: linguagens**, 8ª série. 2ª ed. São Paulo: Atual, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Co-direção Eduardo Faria Coutinho. 7ª. ed. São Paulo: Global, 2004.
- GOTLIB, Nadia B. **Teoria do conto**. 4ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- LEITE, Lígia C. Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- MACHADO, Assis de. **Dom Casmurro**. 39. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- MARTHA, Alice Áurea Penteado (org.). **Leitura e literatura: teoria, pesquisa e prática: conexões**. Maringá: Eduem, 2008.
- O que é a Olimpíada. Disponível em: [http://escrevendo.cenpec.org.br/index.php?option=com\\_content&id=article&id=30&Itemid=55](http://escrevendo.cenpec.org.br/index.php?option=com_content&id=article&id=30&Itemid=55). Acesso em 14 de setembro de 2012.
- RANGEL, Mary. **Dinâmicas de leitura para a sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- SOARES, Magda. **Leitura e perspectiva social**. São Paulo, Ática 1993.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

## ANEXOS



FIGURA 1.1- Roda de leitura dos alunos na biblioteca da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino de Jardim-MS, 2012.



FIGURA 1.2 - Alunos e bolsistas do PIBID/Letras/Jardim na biblioteca da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino, 2012.



## ANEXOS



FIGURA 1.3 - Alunos participantes do Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto” encantados com a leitura, 2012.



FIGURA 1.4 - Bolsista do PIBID/Letras/Jardim e alunos viajando no mundo da leitura, 2012.

## ANEXOS

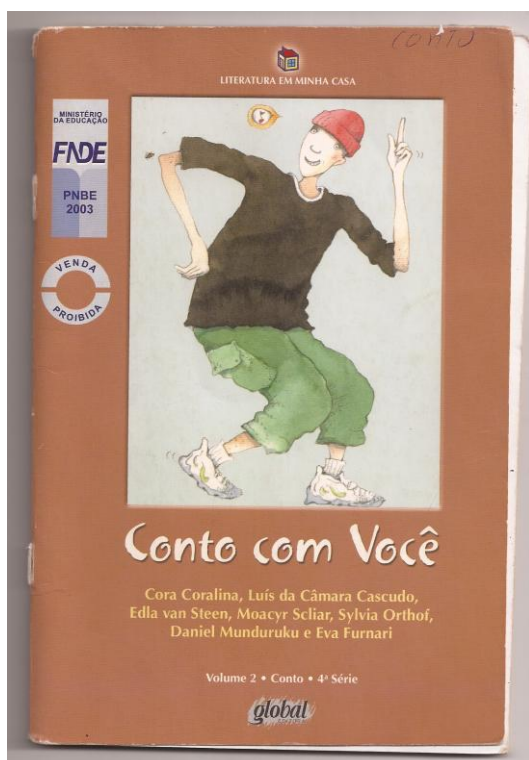


FIGURA 1.5 - Imagem da capa do livro utilizado no Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”.

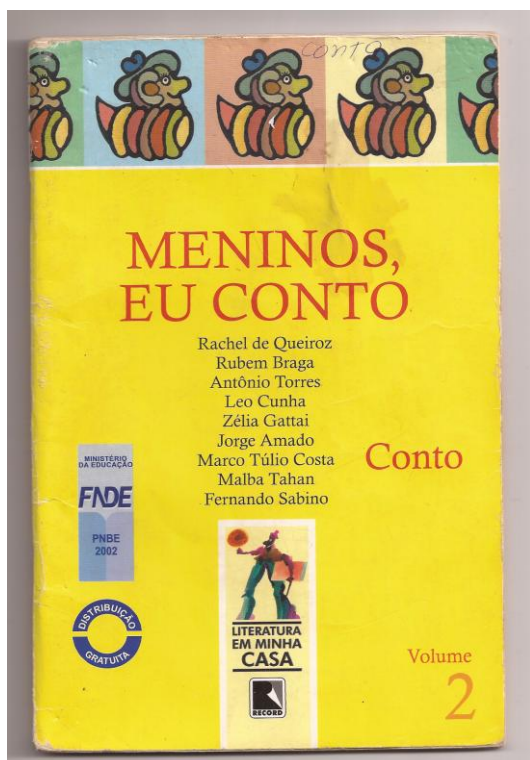


FIGURA 1.6 - Imagem da capa do livro utilizado no Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”.

## ANEXOS



FIGURA 1.7 - Imagem da capa do livro utilizado no Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”.



FIGURA 1.8 - Imagem da capa do livro utilizado no Projeto “Quem conta um conto ganha um ponto”.